

Recreação para a Criança Santista

Conferência pronunciada pelo Dr. Nicanor Miranda no Rotary Clube de Santos

Srs. rotarianos: E' esta a quinta vez que o Rotary Clube, instituição que de há muito aprendemos a admirar, nos honra com um convite para falar em sua reunião semanal. Estamos, pois, familiarizados com o vossó interesse pelas obras sociais, sendo testemunhas de que cumprís fervorosamente o vosso lema de "dar de si antes de pensar em si", crescendo-se ainda a circunstância de que dais de vós não uns para os outros, como muitos julgam, e sim para a coletividade, o que tem uma significação muito profunda na época em que vivemos.

Ao aceitar o convite honroso do vosso presidente Portugal Gouvêa, escolhemos o tema — "Recreação para a criança santista", por parecer-nos oportuníssimo ventilar nesta semana, em que todo o Estado de São Paulo festeja os futuros homens de amanhã, o problema do recreio para a criança desta cidade.

Desejamos render inicialmente a nossa homenagem ao Rotary Clube de Santos, que é o único e legítimo pioneiro dêsse assunto na terra de Braz Cubas, por ter sido o criador da primeira escola de saúde e do primeiro recreio ao grande ar livre.

Mas entremos, quanto antes, no assunto da nossa palestra porque devemos obedecer a uma das vossas praxes: falar simples e brevemente.

Ao analisar o problema da vida da criança nas nossas cidades brasileiras, propugnam muitos pela instalação de Parques Infantís. Talvez seja uma fórmula de exprimir o seu pensamento em relação à vida da criança. Mas o fato é que a generalização de um serviço característico de uma cidade industrial não se justifica e nem se explica. Cada cidade, um problema. Cada município, uma organização. Apenas as linhas gerais, os fundamentos deverão ser os mesmos, é evidente, pois se originam das ciências que estudam a criança, e a organização e o embelezamento das cidades.

De sorte que Santos não tem necessidade de criar espaços livres, áreas verdes, parques de recreio, porque nenhuma área, nenhum espaço, nenhum parque pode ser atraente e tão maravilhoso à criança, como essas magníficas praias que se chamam Gonzaga, José Menino e São Vicente.

O primeiro ponto de partida seria, portanto, a praia. Aí seriam localizados inúmeros centros de recreio, espaçados razoavelmente uns dos outros,

afim de que o seu raio de ação pudesse ser o maior possível.

O centro de recreio se comporia de duas partes. Uma área na praia e um ou dois salões em frente à praia, ou especialmente construídos para êsse fim ou adaptados em casas já existentes. As crianças teriam um programa de atividades, que se dividiria entre a praia e os salões. Naquela, praticariam, com os professores especializados, perfeitos conhecedores, a educação física e os jogos motores. Brincariam, algum tempo, em absoluta liberdade, preocupando-se os instrutores em não tolher a liberdade da criança, durante os momentos em que estivessem entregues à atividade espontânea do jôgo livre, que se realizaria depois do jôgo organizado, dirigido e controlado. Durante êsse tempo as crianças estariam recebendo os benefícios do ar puro do mar, do sol, da água e da liberdade, elemento imprescindível da sua vida na comunidade infantil. Assim quando crescessem saberiam respeitar a liberdade alheia que não implicasse na restrição dos direitos e do bem da comunidade.

A educação física, ministrada, não só preencheria os fins biológicos, como psicológicos e morais; educação do corpo e do espírito e educação social, formando o homem de amanhã, vivificado pelo pensamento e pelo ideal, e disciplinado pela própria vontade.

Nos salões organizar-se-iam arquivos para o fichamento de todas as crianças, afim de estudar-se o seu aproveitamento físico, mental e moral, os seus caracteres biotológicos, e a sua situação social. Seria um material admirável para análise do trabalho, constituindo ao mesmo tempo riquíssimo campo de pesquisa científica.

Aí também se entregariam os pequenos a atividades tranquilas e à recreação em geral. Trabalhos manuais, como carpintaria e marcenaria para os meninos, recorte e tecelagem de papel para os pequeninos, bordado, "tricot" e "crochet" para as meninas, e para todos indistintamente, educação musical, organização de corais infantís, dramatizações de contos e de histórias, estudo da natureza, desenho, pintura, modelagem de argila, — porque na praia também se dedicariam à construção na areia, jôgo construtivo de primeira ordem, que é levado para o próprio parque da cidade industrial, sob a forma de taboleiro de areia — jogos tranquilos, como damas, dominó, loto educa-

tivo, leitura de revistas, jornais e livros infantís e inúmeras outras atividades de alto valor educacional, que seriam estimuladas pelos instrutores e instrutoras, e consideradas possíveis e aconselháveis pela experiência decorrente do serviço.

Um cuidado especial seria dado à alimentação da criança, estudando-se a que recebe no lar, ministrando-se-lhe conhecimentos de alimentação racional e principalmente criando nelas o hábito de bem alimentar-se, mediante distribuição de uma merenda diária, prescrita pelo médico ou pela educadora sanitária incumbida dêsse trabalho. As poucas pesquisas que têm sido realizadas entre nós mostram que a alimentação deficiente de muitas crianças e adultos não provêm unicamente da sua situação econômica, e sim da ignorância existente no que diz respeito às leis da alimentação racional.

Um programa complementar poderia ser organizado, dentro das possibilidades econômicas da instituição, afim de serem realizados serviços ocasionais. Excursões dos pequenos, acampamentos para os pre-adolescentes, cinema educativo, escotismo, visitas educativas, festas infantís nos dias de significação nacional, e outras atividades que o evolver natural do serviço iria sugerindo, indicando ou aconselhando.

Êsses centros de recreio, seriam, consoante estais vendo, verdadeiras escolas para a vida. Aprendendo a viver em comunhão desde a mais tenra idade, fortalecendo os seus músculos, os seus pulmões, o seu coração, apurando a percepção, a compreensão, a análise e a crítica, disciplinando a vontade, criando o espírito de cooperação e de solidariedade, fortalecendo o espontâneo desejo de obedecer às leis do jôgo, — processo preparatório para o fiel cumprimento das leis da sociedade — formariam êsses centros uma nova geração, diferente da que hoje existe. Preparados para a vida social, constituiriam, num futuro próximo, os construtores da nacionalidade, os pioneiros de uma mentalidade nova, moderna, à altura da civilização contemporânea.

Mas... dirão muitos, tudo isso é muito bonito mas irrealizável. O Município de Santos não dispõe de recursos para instalar imediatamente vinte centros de recreio nas suas praias, quantidade mínima para um serviço eficiente numa cidade que tem uma população infantil de vários milhares de pequeninos seres humanos.

De acôrdo, mas São Paulo, cuja Prefeitura arrecada anualmente 150 mil contos de réis, não possuía há três anos, um Parque Infantil sequer e, hoje, possui sete, dois dos quais só encontram parêlha — do ponto de vista das suas instalações e dos seus serviços — nos Estados Unidos, o país em que a instituição dos "play-grounds" e a pro-

teção e assistência à criança figuram em primeiro lugar no mundo!

O que importa, pois, é começar. E começar quanto antes. A espera, o retardamento implicará fatalmente no descaso da nossa geração pelas gerações de amanhã.

Ninguém melhor do que o Rotary Clube poderá ventilar, estimular, en-

corajar e entusiasmar uma obra dêsse valor social. Não devemos esquecer que a nós, homens da humanidade de hoje, cumpre envidar todos os esforços para que a humanidade de amanhã seja mais sadia, mais forte física e moralmente, mais generosa e mais feliz, pela paz dos espíritos e das nações.